



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História 3

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em
história 3

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-905-9

DOI 10.22533/at.ed.059211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico- Metodológicos na Pesquisa em História 3* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disto, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disto, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O PIBID COMO MEIO DE FORMAÇÃO E INSERÇÃO DE TEMAS LIGADOS A DIVERSIDADE CULTURAL	
Pedro Luiz Teixeira de Sena	
Tallita Erthal de Oliveira	
Thiago Gonçalves Carminte	
DOI 10.22533/at.ed.0592119031	
CAPÍTULO 2	10
UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS E A CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE HISTÓRIA	
Carolina Bitencourt Becker	
DOI 10.22533/at.ed.0592119032	
CAPÍTULO 3	23
OS DESAFIOS DO PEDAGOGO DIANTE DE ALGUMAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA, NOS ANOS INICIAIS, DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Elisangela Leite Gavenda	
Maralice Maschio	
DOI 10.22533/at.ed.0592119033	
CAPÍTULO 4	39
OS DESAFIOS QUE A BNCC DO ENSINO MÉDIO TRAZ PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: OUVINDO PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL	
Tuca Henrique Verçosa Carneiro de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.0592119034	
CAPÍTULO 5	51
PRÁTICA DOCENTE E ENSINO: O USO DO ESPAÇO DE MEMÓRIA DO <i>CAMPUS</i> DIANÓPOLIS PARA ENSINAR HISTÓRIA	
Michelle Melo Póvoa	
Debora Ribeiro Pereira	
Jorge Luís de Medeiros Bezerra,	
Antonio Guanacuy Almeida Moura	
DOI 10.22533/at.ed.0592119035	
CAPÍTULO 6	56
OS LIVROS DE HISTÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II: REPRESENTAÇÃO E HOMOGENEIZAÇÃO DOS NEGROS (1914-1925)	
Cristina Ferreira de Assis	
Rhadson Rezende Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.0592119036	
CAPÍTULO 7	68
SONHAR WAKANDA: REFLEXÕES SOBRE A ÁFRICA EM SALA DE AULA	
Marcia Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.0592119037	

CAPÍTULO 8	76
A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL NAS PÁGINAS DA REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO: RETRATO DE NARRATIVAS EM DISPUTA	
Silene Ferreira Claro	
DOI 10.22533/at.ed.0592119038	
CAPÍTULO 9	89
RELATOS DE VIAGEM: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS NA HISTÓRIA DA ÁFRICA OCIDENTAL PRÉ-COLONIAL	
Lucas Aleixo Pires dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.0592119039	
CAPÍTULO 10	96
HISTÓRIA DO BRASIL = DESIGUALDADES SOCIAIS ESTRUTURAL POR COR OU RAÇA	
Valdeir de Oliveira Prestes	
Heitor Flores Lizarelli	
DOI 10.22533/at.ed.05921190310	
CAPÍTULO 11	107
COLEÇÕES DO ARQUIVO PÚBLICO DE ITABIRITO: RELEVÂNCIA PARA A PESQUISA	
Marcelle Rodrigues Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05921190311	
CAPÍTULO 12	127
A UTILIZAÇÃO DO PERIÓDICO COMO FONTE HISTÓRICA	
Dayane Cristina Guarnieri	
DOI 10.22533/at.ed.05921190312	
CAPÍTULO 13	135
IMPRENSA COMO FONTE E AGENTE HISTÓRICO: USOS D'A <i>MATUTINA MEYAPONTENSE</i> PARA UMA HISTORIOGRAFIA DA DECADÊNCIA	
Matheus de Araujo Martins Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.05921190313	
CAPÍTULO 14	149
O FIM DO SEGREDO: TUDO O QUE DEPENDER DO SIGILO PARA EXISTIR IRÁ ACABAR	
Cesar Palmieri Martins Barbosa	
Ricardo Kubrusly	
Miriam Abduche Kaiuca	
DOI 10.22533/at.ed.05921190314	
CAPÍTULO 15	157
A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE COMPUTACIONAL PARA A LITERATURA GENERATIVA: REFLEXÕES SOBRE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA <i>CIBERLITERATURA</i>	
Thalita Biazuz Veronese	
DOI 10.22533/at.ed.05921190315	

CAPÍTULO 16.....	163
A VARIEDADE EPISTEMOLÓGICA NA PESQUISA DO CIENTISTA VITAL BRASIL: UMA ARTICULAÇÃO COM AS CINCO TESES DE CESAR LORENZANO PARA A HISTÓRIA DA CIÊNCIA	
Waldemar Menezes Canalli	
Rildo Pereira da Silva	
Tereza Luzia de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.05921190316	
CAPÍTULO 17.....	170
DUAS HISTÓRIAS INDISCIPLINADAS PARA REPRESENTAR DIFERENTES ABORDAGENS DA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA: O CABO MIDI E A EDIÇÃO NÃO LINEAR DE VÍDEO	
Marcia de Oliveira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.05921190317	
CAPÍTULO 18.....	181
COZINHAS DE ESCRAVOS: COMIDA, SABORES E TRABALHO NO BRASIL	
Lorena da Conceição Querino Muchinski	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.05921190318	
CAPÍTULO 19.....	191
O IMIGRANTE ARABE E SUA COZINHA COMO INSTRUMENTO DE AFIRMAÇÃO E IDENTIDADE NA ATUALIDADE	
Alfredo Ricardo Abdalla	
DOI 10.22533/at.ed.05921190319	
CAPÍTULO 20.....	201
ALIMENTAÇÃO E HOSPITALIDADE NO RIO GRANDE DO SUL OITOCENTISTA A PARTIR DE NARRATIVAS DE VIAGENS	
Everton Luiz Simon	
DOI 10.22533/at.ed.05921190320	
CAPÍTULO 21.....	222
O CAFÉ RUY E O RECIFE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
Eliza Brito Santos	
DOI 10.22533/at.ed.05921190321	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	235
ÍNDICE REMISSIVO.....	236

CAPÍTULO 3

OS DESAFIOS DO PEDAGOGO DIANTE DE ALGUMAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA, NOS ANOS INICIAIS, DO ENSINO FUNDAMENTAL

Data de aceite: 01/03/2021

Elisangela Leite Gavenda

Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente
Clevelândia – PR
<http://lattes.cnpq.br/7919058274287632>

Maralice Maschio

Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente/FAMA
Clevelândia - PR
Universidade Estadual de Ponta Grossa/UEPG
Ponta Grossa – PR
<http://lattes.cnpq.br/6501338935906040>

RESUMO: O presente texto procura problematizar se estaria o pedagogo apto a ministrar, diante da amplitude das perspectivas do ensino de história, a ministrar a disciplina de história, nos anos iniciais, do ensino fundamental, com a formação que recebe no curso de licenciatura em Pedagogia. A discussão é fruto do trabalho de conclusão de curso de Elisangela Leite Gavenda, defendido em 2020, revisado por ela e pela orientadora. Num primeiro momento traça-se uma breve discussão acerca de algumas perspectivas para o ensino de história, nos anos iniciais, do ensino fundamental, a partir de discussão bibliográfica. Num segundo momento, traz-se para o contexto o professor pedagogo ministrando aula de história, no contexto municipal, a partir da análise de alguns fragmentos do Projeto Político Pedagógico de

uma Escola Municipal na cidade de Mariópolis/PR. Por fim, analisa-se internamente a escola estudada a partir do que pensam direção, professores e mães a partir da aplicação de um questionário semiestruturado referente à atuação do pedagogo como professor de história na rede municipal, no sentido da aptidão para a disciplina no concernente a formação recebida em comparação a do historiador.

PALAVRAS - CHAVE: Pedagogo. Ensino de História. Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT: The present text seeks to question whether the pedagogue would be able to teach, given the breadth of the perspectives of history teaching, to teach the discipline of history, in the early years, of elementary school, with the training he receives in the undergraduate course in Pedagogy. The discussion is the result of the conclusion work of Elisangela Leite Gavenda, defended in 2020, reviewed by her and the advisor. In a first moment, a brief discussion is drawn about some perspectives for the teaching of history, in the early years, of elementary education, based on bibliographic discussion. In a second moment, the pedagogical teacher teaching history class, in the municipal context, is brought into the context, from the analysis of some fragments of the Pedagogical Political Project of a Municipal School in the city of Mariópolis/PR. Finally, the studied school is internally analyzed based on what teachers, teachers and mothers think from the application of a semi-structured questionnaire referring to the role of the pedagogue as a history teacher in the municipal network, in the sense of aptitude for the discipline regarding the training

received compared to that of the historian.

KEYWORDS: Pedagogy; History teaching. Early Years of Elementary School.

1 | PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA, NOS ANOS INICIAIS, DO ENSINO FUNDAMENTAL

A proposta do ensino de História possibilita ao aluno reconhecer a existência da história crítica e, ao mesmo tempo, de uma história mais intimista, subjetiva, vivida e experimentada de acordo com as especificidades atribuídas pelos parâmetros curriculares para o ensino fundamental - anos iniciais. Nessa possível metodologia de ensino, o educador atua, como mediador, na construção do conhecimento.

No entanto, a especificidade do campo do ensino de História impõe a necessidade de se analisar a natureza desse conhecimento e de sua relação com as culturas escolares. Nesse sentido, os trabalhos de Jorn Rüsen (1994; 2010) podem ser tomados como referência para a construção de um diálogo entre o ensino da História e as perspectivas dessa ciência do conhecimento enquanto pesquisa atualmente reconhecida como profissão, levando-se em conta a categoria de “cultura histórica”.

Para o autor, o conceito pode ser pensado como categoria de análise, que trata dos fenômenos relacionados ao papel da memória no espaço público, referindo-se ao: “boom contínuo da história, à grande atenção que tem suscitado os debates acadêmicos fora do círculo dos especialistas e à surpreendente sensibilidade do público ao uso dos argumentos históricos para fins políticos” (RÜSEN, 1994, p. 2).

A discussão a respeito da possibilidade de pesquisas em ensino da história descompromissadas, neutras, inclusive do ponto de vista político, para alguns autores, é considerada ultrapassada. Por exemplo, não é difícil a constatação de construções filosóficas sobre a história, atreladas, direta ou indiretamente, a projetos políticos. Em outras palavras:

Facilmente se constata que as construções filosóficas sobre a história estão atreladas, mediata ou imediatamente, a projetos políticos. Em outras palavras, facilmente se constata que os projetos políticos – revolucionários ou reacionários, não importam – procuram na filosofia da história as razões de si mesmos, seja para demonstrarem que todo o desenvolvimento humano anterior nada mais foi do que uma preparação para o presente, ou que todo o passado e o presente se constituem no limiar de uma era melhor. (...) Nesse contexto, é necessário encontrar-se um sentido para a história, é preciso demonstrar que o transcurso da humanidade no tempo não é aleatório, mas indica inexoravelmente um fim para o trajeto humano; isto é, a história não pode ser casual, mas deve ter uma finalidade. (MANOEL, 1998, p. 11)

Em tal concepção da História como Ciência já está contemplada a importância científica do trabalho do professor da disciplina, no preparo de suas aulas, de seus planos de ensino. A seleção dos materiais, a metodologia a ser utilizada, a corrente de pensamento

que pretende seguir, a flexibilidade pedagógica com as quais irá conduzir as suas aulas, indiretamente, sugerem a associação entre correntes historiográficas, tais como: A Escola dos *Annales*, a História Social e a História Cultural, por exemplo.

A pedagogia entra nesse contexto como uma ponte interdisciplinar crucial na escola municipal, pois muitas vezes são pedagogos que trabalham essa disciplina, entrelaçando todas as disciplinas. Dentro do conceito de interdisciplinaridade é preciso ter a consciência do auxílio e da responsabilidade da mesma na prática de docência, pois permite o desenvolvimento de capacidades como o senso crítico, questionamentos, participação ativa, abertura de brechas para que o educando possa expor sua própria visão do tema trabalhado. Ela torna-se um vetor de flexibilidade entre as disciplinas, no desenvolvimento de formas e metodologias para um melhor aprendizado, tanto para o educador quanto para o educando.

Enquanto disciplina escolar, a História foi consagrada com o Colégio Pedro II, em 1837. Neste mesmo ano, ela também passou a ser considerada disciplina acadêmica, pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). O estudo da História e da Geografia, juntas, tinha por objetivo fazer com que o aluno se apropriasse dos conhecimentos históricos, situando-os no tempo e espaço das questões geográficas e de suas transformações, onde da mesma forma permitisse ao professor problematizar o que estivesse ocorrendo no seu entorno, oportunizando aos alunos concretizarem ações mais dinâmicas, através dessas duas disciplinas.

Conseqüentemente, as primeiras produções de materiais pedagógicos foram elaboradas sob a influência da Escola Metódica e do Positivismo caracterizadas pela linearidade dos fatos, pelo uso restrito dos documentos valorizando, principalmente, documentos oficiais como fonte de verdade histórica e para a formação de um determinado tipo ideal de cidadão brasileiro:

Se atentarmos para as questões postas pelos programas, currículos, materiais de ensino e pelas produções didáticas, a História, enquanto disciplina educativa ocupou, nas suas origens, não só no Estado de São Paulo, mas em todas as escolas secundárias e primárias (oficiais e particulares) que foram sendo implantado pelo território nacional um lugar específico, que pode ser sintetizado nas representações que procuravam expressar as ideias de nação e de cidadão embasadas na identidade comum de seus variados grupos étnicos e classes sociais, constitutivos da nacionalidade brasileira. (NADAI, 1993, p. 149).

É importante abrir um parêntese para pensarmos na realidade das escolas paranaenses que, atualmente, tem retomado práticas e modelos de períodos históricos tão criticados e que remontam a mais de cinqüenta anos. Há de se questionar se no movimento da História vive-se um retrocesso ou retoma-se uma espécie de nostalgia do passado que, na visão dos historiadores, parece indicar catástrofes do ponto de vista histórico, político, social, cultural e educacional no país.

Não à toa, historicamente, os anos de 1980 demarcam a investida do Estado contra, não só os profissionais de História, mas também de Geografia, com a Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Com essa medida, os Estudos Sociais passaram a abranger todas essas áreas de forma unificada. Em outras palavras, os profissionais formados na área de Estudos Sociais estariam habilitados para ensinarem, tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio, todas as disciplinas acima descritas, aumentando, com essa medida, seu campo de atuação em detrimento à diminuição das demais.

De acordo com Selva Fonseca Guimarães (2003), o texto dos parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino Fundamental de História, lançado oficialmente pelo Ministério da Educação (Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997, 166p.), procurou responder sobre o que, da nossa cultura e memória nacionais, seria mais adequado para transmitir às novas gerações, que frequentavam as escolas brasileiras, nas diferentes realidades socioculturais no Brasil, naquele momento.

Com referência aos objetivos do primeiro Ciclo do ensino de História (PCN, 1997) consta, nos Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia, que os alunos deveriam ser capazes de considerar a diversidade cultural, a memória paranaense e os movimentos sociais. Com as Diretrizes e Leis estabelecidas, tornou se obrigatório, portanto, o ensino de conteúdos de História do Paraná, História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e História e Cultura dos Povos Indígenas do Brasil, chamados de temas transversais.

De acordo com Fonseca (2003), a diretriz apontada reforçava a preocupação com a inclusão da diversidade cultural no currículo de história, visando avançar no sentido dos grupos excluídos da História Oficial brasileira. Alguns dos objetivos gerais para o ensino de história, por isso, estavam voltados para a diversidade cultural, que constam nos Parâmetros curriculares Nacionais. Em suas palavras:

Conhecer e respeitar o modelo de vida de diferentes grupos sociais, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômica e políticas, reconhecendo diferenças e semelhanças entre eles; reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas presentes em sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço; valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e como elemento de fortalecimento da democracia. (FONSECA, 2003, p.32)

É válido mencionar que por conta da historicidade que envolve a construção e consolidação do ensino de história no país, coloca se a pauta sobre avanços e retrocessos, no território geográfico brasileiro, levando em conta as especificidades dos parâmetros escolares, em níveis estaduais e municipais. Nesse sentido, considera se a possível abertura para se pensar o município de Mariópolis/PR, a partir de uma escola de ensino fundamental, anos iniciais, por preceitos municipais e estaduais, inseridos nos preceitos

nacionais.

É aqui que se torna fundamental a discussão analítica da elaboração e consolidação da nova BNCC, cujo ensino de história foi colocado em caráter normativo e padronizado do conhecimento histórico e de desenvolvimento humano. Por isso, optou-se pelo ponto de partida das histórias de vida como possibilidade de contraponto, reflexão, questionamento de determinadas versões oficiais, contadas inclusive por historiadores.

O estudo de História, nas Séries Iniciais, nessa conjuntura, pode partir da própria história de vida do aluno, como refletem algumas experiências de pedagogos e historiadores, em sala de aula, para propiciar elementos de contextualização do estudo da história local, por exemplo. A transformação das experiências vivenciadas no cotidiano é transmutada em algo vivo e forte, que pode despertar no aluno o interesse por adquirir conhecimentos mais concernentes às suas realidades, mas com respeito às suas faixas etárias, de modo a ampliar compreensões e visões de mundo, em nível individual e coletivo.

Ressalta-se, com isso, novamente a importância dos PCNs de História para o Ensino Fundamental - anos iniciais. Estes elucidam o papel do ensino de História, especialmente ao vincularem-no à produção do conceito de “identidade”. Nesta perspectiva, o ensino de História, nos primeiros anos do Ensino Fundamental, pretende envolver as crianças num sentido de valorização da sua própria história, alicerçando-se, assim, nas multiplicidades para se pensar, dialogar, questionar as construções narrativas das histórias locais e regionais, num contexto também global. É nesse ponto que os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997), apresentam como um dos objetivos mais relevantes quanto ao ensino de História, os processos relativos à construção das identidades.

A história, construída a partir do que se vivencia, nessa proposta pontuada, necessita ser clara e objetiva para que exista um melhor aproveitamento do aluno com o arsenal de conhecimentos ofertados a ele, juntamente com a bagagem que traz consigo. Aqui, ampara-se em Vygotsky (1993), que já chamava a atenção dos educadores para a percepção do conceito de cultura como operação conceitual de sistemas simbólicos, aos indivíduos, e de representação da realidade. Ou seja, a construção, envolvendo educadores e educandos, de universos de significados e significações, que permitem pensar e interpretar o mundo real. Logo, o conceito de cultura coloca-se como um “lugar” de negociações, na qual os membros estão em processo constante de criação, recriação, reflexão e questionamento das informações, conceitos e significações recebidas.

As histórias individuais, nesse tipo de construção social, histórica e cultural, são operadas como parte das histórias coletivas. Até porque, os fatos históricos não se explicam por si só. Eles se tornam compreensíveis, inteligíveis, quando colocados em relação a outros fatores, dentro de uma conjuntura maior. Com isso, o que se espera do aluno é que possa observar e interpretar, do ponto de vista histórico, não apenas a presença e consolidação de grandes personagens, feitos e heróis, construídos ao longo da história brasileira. Mas, as condições que estabeleceram os marcos e balizas temporais para que

tais imaginários fossem criados, legitimados, Consequentemente, abrem-se reflexões aos sujeitos-estudantes, no sentido de perceber o país, o estado e o município, desta ou daquela forma, nos contextos em que foram produzidos, juntamente com os agentes produtores.

Nesse movimento de possibilidade metodológica, alicerça-se a discussão construída por Stuart Hall (2005), na obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, onde o autor convida o leitor a olhar o tempo vivido pelos indivíduos que, ao querer entender e construir, mas também deslocar ou desconstruir suas identidades fixas têm a oportunidade de revisitar o passado, as construções de “nacionalismos”, do mundo moderno, cujas ambiguidades, muitas vezes, são postas diante de desejos por assimilação, no universal, e, simultaneamente, por adesão ao particular, quando não, de reinvenção das diferenças.

É aqui que inserimos nosso local de fala: pensar problemas pedagógicos de teor prático e metodológico. Daí a importância de que áreas como a História e a Pedagogia, nesse caso, estejam em constante e profundo diálogo, em todas as etapas que constituem os sistemas de ensino. Ou seja, que seja levado em conta, minimamente, vivências e orientações de mundo de educadores e educandos acerca do que sabem sobre a história de seu estado, cidade e, até mesmo, de sua própria cultura familiar.

Assim, lança se um possível contraponto entre concepções que abrem o diálogo entre a História e a Pedagogia. Afinal, é preciso questionar excessos de formação inicial, ou seja, das graduações, licenciaturas e bacharelados superiores, mas também a falta deles. Essa questão foi um dos problemas encontrados no desenrolar de nossa temática de pesquisa, pois os professores da rede pública de ensino contam, na maioria das vezes, com um pedagogo orientador. No ensino fundamental, há atuação do professor de História dentro das salas de aula e de outras disciplinas onde, por vezes, como também ocorre com pedagogos, sem formação específica nas áreas que ministram as disciplinas.

Saviani nos auxilia nesse quesito da relação entre a História e a Pedagogia, quando propõe significativos objetivos para a educação brasileira, dizendo que:

A reflexão sobre os problemas educacionais nos leva à questão dos valores e objetivos da educação. Partindo de uma compreensão do homem no contexto situação-liberdade-consciência, referindo-o à realidade existencial concreta do homem brasileiro, pode-se enunciar esquematicamente objetivos gerais para a educação brasileira: educação para a subsistência, para a libertação, para a comunicação e para a transformação. Esta é a forma através da qual traduzimos, em termos de Brasil, o significado da educação como promoção do homem. (SAVIANI, 1996, p.48)

A proposta do autor não se dá como tarefa inerente ao trabalho do pedagogo, mas de sua responsabilidade social, cuja mediação, parece para ele, indispensável entre a produção do conhecimento e a organização sistemática dos processos de ensino-aprendizagem, na formação dos estudantes. Não esquecendo possíveis ganhos educativos, se realizado Inter e multidisciplinarmente, integrados, de modo a valorizar a amplitude que envolve

os campos da Educação brasileira, neste caso, com ênfase no diálogo entre as áreas de História e Pedagogia.

21 O PEDAGOGO PROFESSOR DE HISTÓRIA NO CONTEXTO DO PPP DA ESCOLA PADRE EDUARDO MACHADO

Em análise ao parecer número 199/2014, de 25 de agosto de 2014, referente ao projeto político pedagógico da Escola municipal Padre Eduardo Machado de Mariópolis/PR, observamos a importância do ensino de História no ensino fundamental, contida no documento. Deixamos claro, entretanto, que há o intuito de avaliar a disciplina de História como uma disciplina viva e prazerosa, onde o aluno a observa conhecendo o que o cerca e não tem vergonha de expor suas ideias e opiniões, tendo a compreensão de como os homens coletivamente, constroem as sociedades. Por isso buscamos verificar que tipo de concepção aparece no documento.

O ponto encontrado nessa escola é a questão dos professores pedagogos assumirem as aulas de História por uma questão de que os concursos municipais são ofertados apenas para licenciados em pedagogia e não para disciplinas específicas como a História, o que acarreta em a escola não possuir professores licenciados em História para trabalhar com a disciplina, nos anos em que ela se faz presente nas grades curriculares.

Uma das questões que permeou a nossa perspectiva de análise é a necessidade, oriunda, especialmente do nosso curso de licenciatura em pedagogia, na Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente, que suscitou em nós, acadêmicos, a necessidade de construirmos um novo olhar sobre a História nacional. Um olhar que permita a valorização do regional/local, em respeito à importância, também, da História do Paraná, através da lei 13.311/2001, da História e cultura dos povos Indígenas (lei 11.645/08), bem como da contribuição dos Africanos e Afrodescendentes na Constituição da nação brasileira (lei 10.639/03) e, por fim e não menos importante, da urgência de preservação do meio ambiente (lei 9.795/99).

2.1 O PPP da escola padre eduardo machado

O ensino de História municipal, de acordo com o projeto político pedagógico da escola que tratamos, é dividido por eixos, que variam de acordo com o ano. Por exemplo, no primeiro ano os eixos são: história local e do cotidiano, divididos por conteúdos como: crianças minha família, contando a história da família; escola: a sala de aula e sua turma; a história de um, conhecendo a escola; tempo: a história da escola a história das comidas e das vestimentas ontem e hoje; trabalho e lazer, entre outros temas que podem fazer parte da aula do professor, sendo elas trabalhadas pelo professor, com os alunos, de acordo com seus planejamentos, mas respeitando o contexto acima, proposto pela escola.

Uma das questões a serem analisadas, nesse terreno, é o número de professores de história, que trabalham no município, uma vez que é maior o número de pedagogos

atuando no ensino de história. Por que isso ocorre? É uma de nossas pretensões, com o presente trabalho.

Como já dito, os concursos públicos ofertados pelo município não realizam abertura para tal área específica do conhecimento, mas sim para professores pedagogos. Por esse motivo, no ensino fundamental há mais licenciados em pedagogia do que em disciplinas do conhecimento. Logo, com o município abrindo aulas para o licenciado em pedagogia, mas com a oferta em outras disciplinas do conhecimento, automaticamente o professor pode optar por trabalhar apenas com a disciplina de História, mesmo sendo pedagogo de formação.

É válido mencionar a implicação que a BNCC tem nessa questão:

A BNCC do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo. (BNCC, 2018, p. 58)

Embora não seja o que tem acontecido nem com a BNCC e nem com outros documentos, o que se espera com a realidade é que o aluno pudesse ampliar seus conhecimentos em relação a outros povos e seus costumes específicos, iniciando a contextualização através da educação infantil. Com o pensamento articulado entre as dimensões do eu, do outro e do nós, os alunos pudessem ser preparados para enfrentar situações marcadas por conflitos ou por conciliação, estimulando também o respeito à pluralidade cultural, social, política e social. Dessa forma, o aluno reconheceria o que faz parte de sua história e das histórias contadas pelos outros.

Aqui localizamos a escola Municipal Padre Eduardo Machado, situada na rua seis número 1073 no centro da cidade de Mariópolis. A Escola Municipal Padre Eduardo Machado - Ensino Fundamental de 1 ao 5 ano é formada por dez salas em alvenaria que estão em uso o dia todo, e a noite uma sala de Educação de Jovens e Adultos- EJA Fase I uma sala onde funcionam cursos desenvolvidos pelo ITDE. São em número suficiente para atender os 285 alunos matriculados atualmente.

A escola, sobre a sociedade, apresenta o seguinte conceito, conforme o PPP (2014, p. 17):

Sociedade- Em Sociologia, uma sociedade é o conjunto de pessoas que compartilham propósitos, gostos, preocupações e costumes e que interagem entre si constituindo uma comunidade. O espírito que norteia a concepção do PPP compromete-se com a formação da cidadania e de uma nova sociedade mais justa e solidária, o PPP deve, portanto construir uma pedagogia de

esperança e uma gestão democrática de tolerância, respeito e solidariedade o que deve contar com a participação de todos os responsáveis pela autonomia da escola e sua função social.

Para o documento o que se percebe é uma concepção de sociedade formada por um grupo de pessoas, que formam um sistema semiaberto, onde a maior parte das interações é feita com as outras pessoas. Dessa maneira, espera-se ocorrer dentro da escola e na escola como um todo, ou seja, objetiva-se que ocorra a construção de uma rede de relacionamentos entre os indivíduos que ali estão inseridos.

Ainda no PPP (2014, p. 17), há o conceito de Homem, descrito do seguinte modo:

Homem- Sobre a formação que deseja para seus alunos a comunidade escolar deixa claro que a comunidade escolar deve possibilitar uma educação que garanta aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos, participativos e capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem e na qual esperam verem atendidas suas necessidades individuais, sociais, políticas e econômicas.

Na medida em que as crianças estão inseridas nesta estruturação elas apreendem o que é a formação do homem, conforme o documento, e devem aceitá-las como bom e adequado para si próprios onde suas próprias escolhas, quando bem entendidas, tornam-se referenciais para influenciar nas próprias opções da estrutura escolar e educacional.

É válido mencionar que o PPP trabalha com um conceito de Homem, genérico. Valeria a pena estabelecer uma crítica aprofundada, no entanto, no mesmo PPP, apesar de elaborado em 2014, a escola já parece despertar para uma preocupação mais aprofundada acerca do tema, pois, conforme descrito abaixo, aborda a ideia de desenvolvimento humano:

Desenvolvimento Humano- O desenvolvimento humano é muito rico e diversificado, cada pessoa tem suas características próprias, que as distinguem das outras pessoas e seu próprio ritmo de desenvolvimento, por mais que estudemos e nos esforcemos para compreender o comportamento humano e seu desenvolvimento ele sempre reserva surpresas e imprevistos. (PPP, 2014, p. 18)

O estudo do desenvolvimento do ser humano constitui uma área do conhecimento da psicologia cujas proporções da mesma concentram-se no esforço de compreender o sujeito em todos os seus aspectos, englobando todas as suas fases desde o nascimento até o mais completo grau de maturidade e estabilidade, a singularidade do ser humano, que pode fugir a padrões pré-estabelecidos e que produz o avanço, o progresso e a mudança no desenvolvimento do indivíduo. Eis um pouco da premissa expressa na diretriz acima.

Quanto à infância, crucial para a faixa etária de nosso alunado, o documento traz a seguinte conceituação:

Infância- A escola faz parte da infância de cada criança, ela é um caminho para o futuro para um futuro melhor, as famílias mais pobres sabem que escola representa essa alternativa talvez a única, e o papel de quem está à frente de uma sala de aula hoje é entre tantas outras coisas já sabidas educar e dar carinho porque a sociedade mudou as crianças clamam por atenção e muitas vezes não veem prontas de casa para adquirir conhecimentos cabe a nós então prepará-las e isso nem sempre é fácil. (PPP, 2014, p.18)

O que se vê expresso é que cabe a cada um dos profissionais preparar as crianças. Isso nem sempre será tarefa fácil, mas também é um direito educacional das mesmas. Quando estão na escola sentadas lado a lado, essas crianças estão fazendo valer um de seus maiores direitos, o direito da igualdade, que cada uma delas escreva e apresente consciência de sua própria história, com a preparação para enfrentar os obstáculos propostos pela vida.

Sobre Educação em sua forma macro, o PPP (2014, p. 19), assim a considera:

Educação- A educação é uma prática social, uma atividade específica dos homens situando-os dentro da História ela não muda o mundo, mas o mundo pode ser mudado pela sua ação na sociedade e nas suas relações de trabalho. Construção contínua de pessoa humana do seu saber e de suas aptidões, mas também de sua capacidade de discernir e agir, deve levar a pessoa a tomar consciência de si própria e do meio que a envolve e a desenvolver o papel social que lhe cabe no mundo do trabalho e na comunidade.

Partindo do pressuposto que o sujeito/indivíduo/cidadão constitui-se como um ser histórico, passando por fases necessárias em que é preciso compreendê-lo em suas relações, naturezas e condições humanas, é preciso mencionar que ele é, antes de tudo, um ser de vontade, um ser que se pronuncia sobre a realidade. Assim, a prática social em questão é que faz a educação se fazer presente em todos os contextos da vida da criança.

Nessa direção, o conceito de Escola vem assim definido pelo documento:

Escola- Espaço social privilegiado de construção dos significados éticos necessários e construtivos de toda e qualquer ação da cidadania, promovendo discussões sobre a dignidade do ser humano, igualdade de direitos, recusa categórica de forma de discriminação importância da solidariedade e observância das leis. Cada escola possui uma história própria e um modo de existir (na comunidade, vila, bairro, ou cidade) articula-se com as pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para sua construção. A escola deve formar para a cidadania plena, para que isso realmente se concretize ela deve dar o exemplo através da gestão democrática, onde pais, alunos, professores e funcionários assumem sua responsabilidade no processo de construção e implementação do seu projeto político pedagógico. (PPP, 2014, p.19)

Quanto às formas de ensinar e aprender no ambiente escolar em questão, o PPP (2014, p. 20) denomina de ensino aprendizagem e assim o conceitua:

Ensino aprendizagem- O processo de ensino aprendizagem é o conjunto de ações e estratégias que o sujeito/educando, considerado, individual ou coletivamente realiza contando por tal, com a gestão facilitadora e orientadora do professor para atingir os objetivos propostos pelo plano e formação esse

processo desenvolve-se de maneira presencial, não presencial ou mista, utilizando para esse fim ambientes educacionais como escolas, centros de formação, empresas e comunidades urbanas e rurais. O processo de ensino aprendizagem está centrado no educando e da ênfase tanto ao método quanto ao conteúdo.

O ensino é concebido pelos educadores como um conjunto sistemático de ações cuidadosamente planejadas onde as atividades permitem que o professor e aluno compartilhem parcelas sempre maiores de significados em relação aos conteúdos do currículo escolar. O aluno é visto como agente de seu próprio conhecimento, participa de tarefas, pesquisas e atividades dentro e fora da escola.

O que percebemos é que a escola deve formar para a cidadania plena, mas para que isso realmente se concretize, ela deve dar o exemplo através da gestão democrática com a presença de pais, alunos, professores e funcionários assumindo suas responsabilidades no processo de construção, implantação e implementação do seu Projeto Político Pedagógico. Afinal, o PPP foi elaborado em 2014 e a escola tem prazo até 2021, por decreto oficial, por conta da pandemia enfrentada em 2020.

3 | O PAPEL DO PEDAGOGO COMO PROFESSOR DE HISTÓRIA NO OLHAR DOS ENTREVISTADOS

Foram entrevistadas três mulheres. Duas delas trabalham na escola. Uma delas, a diretora, Raquel Ghelen, formada em Educação Física, pelo fato de possuir uma visão ampla da mesma e fazer parte da gestão; a outra, por ser professora, Fernanda Pacheco, com licenciatura em pedagogia, atuante no quarto ano do ensino fundamental. A terceira, Ana Lize Amaral, mãe de aluno dessa escola, formada em pedagogia e professora na Pré-escola do município de Mariópolis. Pelo questionário foram realizadas questões¹ referentes ao ensino de História no parâmetro escolar.

A professora e a diretora resolveram responder juntas, expondo o que pensam em relação ao ensino de História e o pedagogo atuando nessa área. Logo após o diálogo com as respostas da professora e diretora acerca do questionário abordaremos as respostas atribuídas pela mãe do aluno.

No momento em que coloquei a primeira questão “Qual a importância do componente curricular do ensino de História para a Escola Padre Eduardo Machado” as resposta da diretora e da professora se voltaram para o sentido de que viam a matéria História como

1 Para a aplicação do roteiro semiestruturado, devido à Pandemia deste ano, foi necessário fazer algumas adaptações. Então, a mesma foi realizada através de mensagens via Whatsapp. O questionário foi respondido e transcrito com as questões transcritas, inseridas e analisadas no decorrer do texto. As questões expostas a elas foram: 1) Qual a importância do componente curricular do ensino de História para a Escola Padre Eduardo Machado? 2) Qual a sua opinião em relação a não se obter um licenciado em História atuando nesse componente curricular e sim um pedagogo? 3) Como é realizado o ensino de História dentro do PPP já que geralmente o profissional que atende na área é um pedagogo? E, em relação ao PPP, ele é pensado no pedagogo também dentro dessa atuação atual que é o ensino de História? 4) Você acredita que um licenciado em História trabalharia esse componente curricular de uma forma diferenciada dos licenciados em pedagogia? Por quê?

uma base para que nossos alunos compreendam a sociedade num todo e a influência dela em nosso modo de agir, pensar até mesmo falar.

Com essa visão das mesmas percebe-se que o ensino de história é um dos componentes curriculares mais importantes, passível não apenas de repasse de conteúdo, mas de construir conhecimento sobre si, o outro e o nós. Ou seja, ele também pode ser visto como uma construção social.

Referente à segunda questão “Qual sua opinião em relação a não se obter um licenciado em História atuando nesse componente curricular e sim um pedagogo?” a diretora e professora admitiram acreditar que todos somos aptos a ensinar História, visto que tivemos formação adequada para tal função. Se o professor for dedicado e autêntico, os alunos irão adquirir todo o conhecimento necessário para a faixa etária. Nesse sentido foi exposto pela professora e a diretora que a capacidade do professor pedagogo e do professor de história não pode ser questionada, desde que os mesmos tenham metodologias e didáticas diferenciadas para ensinar onde os dois são capacitados para passar o conhecimento aos alunos.

Mas precisa ser pensado nesse contexto se o pedagogo realmente aprende na sua formação a maneira contextualizada por completo do componente curricular de História, pois na maioria das vezes essa disciplina conta de poucos créditos na grade curricular de pedagogia, não contando em si, o pedagogo, com grande suporte para sair da graduação como grande conhecedor na área do ensino de História. O mesmo aconteceria com o historiador se estivesse na situação inversa. Não se trata, portanto, de incapacidade, mas é pouco o tempo de construção do conhecimento para os temas propostos na sala de aula, para as correntes de pensamento que envolvem o ofício do historiador, entre outros, dificultando uma base mais consolidada ao pedagogo no que diz respeito à formação em História.

No que diz respeito à pergunta “Como é realizado o ensino de História dentro do PPP já que geralmente o profissional que atende na área é um pedagogo? E em relação ao PPP ele é pensado no pedagogo também dentro dessa atuação atual que é o ensino de História?” a professora e diretora responderam que o PPP é formulado através da necessidade de aprendizagem dos alunos, cabendo a nós professores, muitas vezes, nos adequarmos às necessidades contidas nele.

Dessa forma, fica claro que o PPP é pensado tanto no aluno quanto no professor, mas que cabe ao professor trabalhar o conceito exposto no projeto político pedagógico, mas com formas diferenciadas para adquirir um melhor aprendizado, pois nesse sentido pensa-se que nem todos os alunos aprendem da mesma forma o conteúdo apresentado pelo professor, por exemplo.

A ideia do PPP é construída a partir da ideia do pedagogo com a direção da escola e alguns professores ajudam em algumas modificações. Porém, onde ficam os maiores interessados nesse projeto político pedagógico que são os alunos? Em nenhum momento são questionados sobre algo que se refere aos mesmos. Muitas vezes não sabem de

sua existência e pra que eles existem. Do mesmo modo vários professores também não participam da elaboração dos PPPs. A própria comunidade tantas vezes também não participa. Logo, como é para a comunidade familiar que nem tem ideia do que é proposto dentro dele? Qual sua real importância? E, já que estamos tratando do componente curricular de história, ministrado pelo pedagogo, qual a concepção do professor historiador no PPP? Ela nem aparece no documento.

Quanto à pergunta “Você acredita que um licenciado em História trabalharia esse componente curricular de uma forma diferenciada dos licenciados em pedagogia? Por quê?” a diretora e professora responderam que com certeza a didática é algo individual, mas que não pode ser confundida com conhecimento. Pois existem professores de áreas específicas que possuem muito conhecimento sobre a área de história, por exemplo. O que acontece é que na hora de repassar para os alunos, muitas vezes, não conseguem fazer de maneira clara e objetiva. Sendo assim, pensamos que não importa a formação específica e sim a dedicação e criatividade no momento de aplicar suas aulas, ou seja, de como o professor desempenha sua função.

O que se percebe é que a professora e a diretora atribuem aos professores a função central do processo, mas mesmo em se tratando de contexto metodológico ensinado nas escolas e sua relação com valores, pertinência e significados por tantas vezes é inserido em contextos globais do desenvolvimento. Por isso, um fator decisivo nesse contexto é a unificação de objetivos, conteúdos e métodos e participações coletivas nos planejamentos para que os professores consigam despertar nos alunos o interesse não apenas no conteúdo, mas na superação de dificuldades encontradas por ambos.

Pensar sobre esse tema os professores pedagogos e na sua capacidade de repassar conhecimento aos alunos, como admitiram a professora e a diretora, seja para a disciplina que for realmente é fato concreto, pois os mesmo realmente são capazes. Mas a questão não é questionar a capacidade de um pedagogo atuando no ensino de História e sim porque se obtém outras licenciaturas se dentro da sala de aula um professor apenas atua no ensino fundamental dos anos iniciais. Nesse sentido, o conceito a ser colocado pra pensar é de que maneira os professores de história são vistos nesse campo sem vaga para atuação dos mesmos? Por outro lado questionar a própria ideia do professor como alguém que apenas repassa os conteúdos.

O campo do professor licenciado em pedagogia é atualmente muito amplo, pois o mesmo pode atuar em vários lugares já o professor licenciado em História se não atuar em ensino fundamental anos finais e no ensino médio, por exemplo, o seu campo de atuação é limitado. Fica, portanto, ao ensino fundamental - anos iniciais, em se tratando de concursos, as ofertas destinadas aos professores pedagogos. Dessa forma, é difícil encontrar, em muitas cidades um licenciado em História atuando na área em ensino fundamental anos iniciais, sua área específica de formação, seu lugar de fala e de atuação próprios, ocupados por outro profissional.

No entanto, retomando a questão dos questionários no que diz respeito às respostas pontuadas pela mãe de um aluno, entrevistada, buscamos entender e valorizar alguém que acompanhou a trajetória do filho durante as etapas educacionais nos primeiros anos, que estamos tratando. Assim, referente à primeira pergunta “Qual a importância do componente curricular do ensino de História para a Escola Padre Eduardo Machado”, ela respondeu que o componente curricular de História é de suma importância, pois é uma base para o conhecimento da sociedade e a qual nos leva ao entendimento das culturas existentes que nos influencia de certa forma na maneira como vivemos.

Com base no que foi exposto pela mãe, o ensino de História se faz importante para o conhecimento do passado com a junção do presente e o que analisamos para o futuro é um conhecimento do outro, do eu e dos nós. A visão da Ana é baseada também em seus conhecimentos, pois é formada pela Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente-FAMA, em pedagogia, e ela teve todo cuidado de pensar como mãe, mas também não deixou de se expor como pedagoga.

Concernente à segunda pergunta “Qual sua opinião em relação a não se obter um licenciado em História atuando nesse componente curricular e sim um pedagogo?” a mãe respondeu que em seu entendimento quando o professor é formado ele começa uma caminhada de aprendizado independente da sua licenciatura o que quer dizer que o que o professor necessita é vontade para buscar conhecimentos para transmitir em suas aulas, então qualquer professor dedicado pode sim ministrar a disciplina de História.

Com relação a essa questão levantada ela expõe que todos são professores independentes da sua licenciatura o que eles necessitam é buscar novas didáticas e metodologias diferenciadas para passar o conhecimento para os alunos. Nessa resposta o sentido é bastante semelhante com a resposta atribuída pela professora e diretora da escola pelo fato de que a mesma também é formada em pedagogia, a única formação diferenciada nesse contexto foi a diretora que é licenciada em Educação Física. Nesse sentido, é normal elas pensarem de modo semelhante, mas percebe-se também que nenhuma citou que há professora licenciada em História dentro do contexto escolar onde os professores pedagogos atuam nessa disciplina.

Na pergunta “Como é realizado o ensino de História dentro do PPP já que geralmente o profissional que atende na área é um pedagogo? E em relação ao PPP ele é pensado também dentro dessa atuação atual que é o ensino de História?” A mãe disse que o PPP foi desenvolvido buscando a interação dos alunos, mas cabe ao professor buscar saber qual a necessidade a se adequar no que é apresentado nele.

Nesse contexto, ela está indicando que o PPP vai além de conteúdos propostos, por isso ele precisa ser pensado em todas as culturas e todas as necessidades a serem encontradas pelo aluno e pelo professor no contexto escolar, cabendo ao professor trazer estes conteúdos com metodologias diferenciadas para receber qualquer aluno.

Na pergunta “Você acredita que um licenciado em História trabalharia esse

componente curricular de uma forma diferenciada dos licenciados em pedagogia? Por quê?” a mãe do aluno respondeu que todo professor tem uma maneira de ensinar e se o professor é licenciado no componente curricular de História obviamente ele vai procurar se aprofundar melhor na temática proposta, para ensinar de maneira mais clara e objetiva, mas por outro lado tem aquele professor que não consegue transmitir tal conhecimento de maneira clara e precisa.

A abordagem devidamente dessa pesquisa é explorar todo um contexto que não somente veja o professor como transmissor de conhecimento, que apenas se apegue a livros didáticos e sim transformadores como professor pesquisador, pesquisador mediador, professor construtor de conhecimentos, de maneira que leve seus alunos a se tornarem historiadores e pesquisadores dos conteúdos propostos e que o mesmo possa ir além do que se tem em sala de aula e que saiba valorizar suas experiências e cotidiano, indo por vezes, além do conteúdo proposto e num movimento dentro e fora da sala e num tempo histórico em movimento, colocando professores e alunos como sujeitos históricos atuantes e conscientes.

Dizendo isso, percebe-se certa diferença entre nossas intenções e as respostas declaradas por nossas entrevistadas que parecem não ver problemas em quem ministre a disciplina desde que exista força de vontade por parte de quem o faz ou, ainda, de que o papel fundamental ou de total responsabilidade pelo sucesso ou fracasso atribuído dentro de sala de aula continua sendo atribuído ao professor. Sem contar no fato de que o professor como transmissor de conteúdos, o que se faz bem entender para os alunos continua ainda sendo uma concepção bem aceita pelos profissionais da rede, como aparece nas respostas de nossas entrevistadas.

Quando nos referimos e debatemos tanto o tema de metodologias diferenciadas normalmente pensamos em como selecionar e aplicar técnicas de ensino visando a melhor aprendizagem dos alunos através de formas diferentes de se proporcionar o mesmo tema ao aluno e a didática entra nessa questão como um objeto de estudo que analisa a forma como os alunos aprendem e como os professores ensinam.

Ensinar História é entrar de cabeça no passado, por exemplo, e saber fazer com que os alunos aprendam relacionar a sua história com a história do passado muitas vezes marcada por datas e desafios que são também atuais. Afinal, o tempo todos os sujeitos estão fazendo história. Por isso nossas entrevistadas acreditam que o professor que ensina história não necessita teoricamente ser um historiador, mas precisa ter discernimento do que e como está abordando o conhecimento, a área com os alunos, devendo para isso possuir certa bagagem teórica e metodológica. Nesse sentido não vemos um embate, mas vemos a necessidade de um diálogo entre a história e a pedagogia e, mais do que tudo, de duas áreas andarem de mãos dadas numa tentativa interdisciplinar na busca por um ensino de qualidade.

REFERÊNCIAS

BASENACIONALCOMUM. MEC.GOV. BR/IMAGES:

BNCC_EI_EF_110518_versaofinal. Site.pdf. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf acesso em 2/08/2020. Acesso em: 02 ago. 2020.

DIRETRIZES Curriculares Nacionais e BNCC para a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica. Curso de Licenciatura em História. Disponível em: Diretrizes Curriculares Nacional Diretrizes Curriculares Nacionais e BNCC para a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica. Curso de Licenciatura em História/UEPG/Uvaranas, 30 de novembro de 2019 Acesso em: 13 jun. 2020.

FONSECA, Lima e; NIVIA, Thais. **LDB, As novas Diretrizes da Educação Básica**: História & Ensino de História. 2003. Disponível em: LDB, As novas Diretrizes da Educação Básica, Editora América LTDA, Curitiba 1998. LIMA E FONSECA, Thais Nívia de. História & Ensino de História. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, 120p. Acesso em: 02 out. 2020.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História ensinada**. Disponível em: https://www.books.google.com.br/books?id=pjyCuNOynMMC&printsec=frontcover&h/=pt_BR&source=gbs_ge_summay_r&cad=O#v=onepage&q&f=false Acesso 15 ago 2020

FONSECA, Thais Nívia de Lima. **História e Ensino de História**. Belo Horizonte: Autentica, 2003. 120p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MANOEL, Ivan. O Ensino de História no Brasil do Colégio Pedro II nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em: <https://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46194/1/0sd2t11> Acesso em 24 jun. 2020.

NADAI, Elza. **O ensino de história do Brasil: trajetória e perspectivas**. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 13, n. 25/26, 1993, p. 143-162.

Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997. Acesso em: 13 jun. 2020. file:///C:/Users/User/Downloads/Ensino de História e Geografia anos iniciais do ensino fundamental. Acesso em: 13 jul. 2020.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares de História para o Ensino Fundamental. Curitiba: SEED, 2008. Projeto político pedagógico escola municipal padre Eduardo machado 25/08/2014pgs(1,32,62,63,64) acesso em 18.out.2020.

RÜSEN, JÖRN. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In.: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: UFPR, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. **História do Ensino de História de História no Brasil: uma proposta de periodização**. Porto Alegre: Revista História da Educação-RHE, v. 16, n. 37, maio/ago. 2012, p. 73-91.

ÍNDICE REMISSIVO

A

África 5, 8, 3, 4, 8, 9, 56, 59, 60, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 182, 186, 187, 188, 189, 193, 194, 195, 204, 227

Alimentação 9, 5, 98, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 202, 204, 210, 211, 216, 217, 218, 219, 221, 225, 230

Aprendizagem 7, 10, 11, 14, 16, 17, 21, 22

Árabes 193, 194, 195, 196, 197, 199

Avaliação 12, 13, 14, 16, 18, 19, 21, 22, 48, 117, 165, 173, 177

B

BNCC 5, 7, 27, 30, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

C

Cibercultura 9, 158, 159

Comida 9, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 199, 201, 211, 212, 215, 216, 217, 225, 235

Cozinha 9, 184, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 216, 225

Criatividade 9, 19, 35, 158, 159, 160, 161, 162, 179

D

Desigualdades Sociais 8, 2, 96, 98, 99, 105

Disputa 5, 8, 43, 49, 57, 58, 76, 83, 85, 86, 117, 145

Diversidade Cultural 7, 1, 26

E

Ensino de História 5, 7, 1, 2, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 26, 27, 30, 34, 38, 39, 43, 55, 58, 61, 62, 66, 67, 68, 70, 75, 114, 236

Epistemologia 9, 14, 164, 165, 168, 171, 180

Escravidão 7, 8, 59, 63, 65, 66, 67, 79, 80, 100, 104, 106, 137, 140, 182, 183, 191

F

Fontes 5, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 52, 57, 58, 79, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 107, 110, 111, 115, 116, 122, 123, 130, 132, 134, 135, 136, 142, 146, 149, 150, 165, 215

H

História 2, 5, 6, 7, 8, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 80, 82,

85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 120, 122, 123, 125, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 148, 149, 151, 157, 158, 163, 164, 165, 166, 169, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 180, 182, 184, 190, 192, 193, 199, 200, 201, 202, 204, 207, 208, 209, 210, 219, 220, 223, 224, 234, 235, 236

História da ciência 5, 9, 164, 165

Homogeneização 7, 56

Hospitalidade 9, 200, 202, 220, 222

I

Identidade 9, 3, 5, 6, 7, 8, 25, 27, 28, 38, 48, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 76, 77, 80, 81, 86, 87, 128, 131, 133, 136, 177, 192, 198, 199, 201, 225, 234

Imprensa 5, 8, 55, 58, 109, 111, 115, 116, 119, 124, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 144, 146, 148, 149, 150

L

Literatura Generativa 9, 158, 162

M

Memória 5, 6, 7, 24, 26, 51, 52, 53, 54, 55, 64, 86, 107, 110, 112, 115, 122, 123, 124, 126, 133, 171, 172, 187, 196, 197, 198, 200, 229, 234, 236

Metodologia 13, 15, 24, 52, 54, 89, 94, 96, 99, 106, 170, 199, 202, 204, 236

N

Narrativas 5, 8, 9, 20, 27, 58, 59, 60, 65, 66, 76, 77, 83, 86, 92, 93, 126, 128, 201, 202, 204, 211, 212, 216, 217

P

PIBID 5, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9

Q

Questões étnico-raciais 5, 78, 82

R

Raça 5, 8, 8, 60, 64, 66, 74, 79, 80, 81, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106

Recife 76, 84, 85, 186, 223, 227, 229, 230, 232, 233, 234, 235

Relatos 9, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 128, 142, 143, 165, 202, 204, 205, 210, 222, 223

RELATOS 8, 89, 92

Representação 7, 27, 54, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 69, 80, 91, 94, 96, 134, 180, 215, 217, 225

S

Sabores 9, 182, 193, 194, 196, 197, 199, 200, 201, 215

Século XIX 9, 87, 223

Sigilo 8, 150, 153, 156

T

Técnicas 9, 37, 45, 61, 79, 99, 160, 161, 171, 176, 177, 179, 180, 195, 196, 197

Tecnologia 5, 9, 51, 70, 153, 156, 158, 159, 167, 171, 172, 173, 174, 176, 177


Trabalho 9, 3, 5, 8, 11, 13, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 28, 29, 30, 32, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 52, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 74, 76, 77, 78, 83, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 109, 111, 116, 125, 126, 132, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 148, 154, 164, 165, 167, 168, 171, 172, 174, 176, 177, 180, 182, 183, 184, 187, 189, 190, 191, 193, 195, 199, 207, 224

W

Wakanda 8, 68, 69, 75

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3